

## Variação semântico-lexical na fala de Tucuruí e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa

*Variación semántico-léxico en el hablar de Tucuruí y sus contribuciones para la enseñanza de la Lengua Portuguesa*

*Lexical-semantic variation in the speech of Tucuruí and its contributions to the teaching of the Portuguese Language*

**Cecilia Maria Tavares Dias<sup>1</sup>**

**Eliane Pereira Machado Soares<sup>2</sup>**

### Resumo

Este artigo apresenta um estudo realizado em uma escola pública da cidade de Tucuruí, município do sudeste paraense, sobre a variação lexical na fala de moradores dessa localidade. Para a realização do trabalho, desenvolveu-se um projeto de pesquisa a partir de um projeto de intervenção pedagógica, utilizando-se a metodologia da pesquisa-ação, em que alunos participaram ativamente da coleta de dados com a aplicação de questões do ALiB, com o objetivo de identificar as variações lexicais existentes na fala de antigos moradores. O embasamento teórico remete aos postulados da Sociolinguística. Os resultados obtidos registram a riqueza semântico-lexical da região, a qual é apresentada num glossário, que é o produto do processo da intervenção. Dessa forma, espera-se contribuir para o reconhecimento da variação linguística no ensino de língua, bem como para o conhecimento e o fortalecimento da formação da identidade cultural do povo dessa região.

Palavras-chave: Fala; Ensino de língua; Variação lexical.

### Resumen

Este artículo presenta un estudio realizado en una escuela pública de la ciudad de Tucuruí, municipio del sureste “paraense”(gentílico de la provincia de Pará), sobre la variación léxica en el habla de los residentes de esta localidad. Para la realización del trabajo, se ha desarrollado un proyecto de investigación a partir de un proyecto de intervención pedagógica, utilizando la metodología de investigación-acción, en la que los estudiantes han participado activamente en la recolección de datos con la aplicación de preguntas ALiB, con el objetivo de identificar las variaciones léxicas existentes en el habla de antiguos residentes. La base teórica se refiere a los postulados de la Sociolingüística. Los resultados obtenidos registran la riqueza semántica-léxica de la región, que se presenta en un glosario, que es el producto del proceso de intervención. De esta manera, se espera contribuir al reconocimiento de la variación lingüística en la enseñanza de idiomas, así como al conocimiento y fortalecimiento de la formación de la identidad cultural de las personas de esa región.

Palabras clave: Habla; Enseñanza de idiomas; Variación léxica.

1

Mestra em Letras pela UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), doutoranda em Estudos linguísticos pela UFPA (Universidade Federal do Pará); Professora de Língua Portuguesa na 16ª Unidade Regional de Ensino (URE- SEDUC/PA); Tucuruí, Pará, Brasil; [ceciliatavaresdias@gmail.com](mailto:ceciliatavaresdias@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará; Professor Associado I da Universidade Federal do Sul e Sudeste Pará (2013), do Instituto de Letras, Linguística e Artes/faculdade de Estudos da Linguagem - Campus Universitário de Marabá; Marabá, Pará, Brasil; [eliane@unifesspa.edu.br](mailto:eliane@unifesspa.edu.br).

### **Abstract**

This article presents a study carried out in a public school in the city of Tucuruí, municipality of southeast of Paraense, about the lexical variation in the speech of residents of this locality. For the implementation of the work, it was developed a research project from a pedagogical intervention, using the methodology of action research, in which the data that were collected by the students with the application of some questions of the ALiB, in order to identify the lexical variations existing in the speech of former residents. The theoretical basis refers to the postulates of Sociolinguistics. The results obtained record the semantic-lexical richness of the region, which is presented in a glossary, which is the product of the product of the intervention process. Therefore, it is expected to contribute to the recognition of linguistic variation in language teaching, as well as to the knowledge and strengthening of the cultural identity formation of the people of that region.

Keywords: Speech; Teaching of language; Lexical variation.

## **1. Introdução**

Não existe uma forma única de se falar uma língua, pois os indivíduos convivem e compartilham, constantemente, de diversas situações de comunicação num rico dinamismo social fruto de sua interação, com os diversos fatores que a constituem, a saber, o cultural, político, religioso, entre outros. Por essa razão, por se conviver num universo de muitos modos de ser e de muitos modos de falar, não é produtivo um ensino de língua portuguesa que privilegia uma variedade linguística única. No exercício do magistério, convivemos com várias situações de natureza discriminatória por que passam os alunos, em função da variação linguística utilizada na escola e dos mecanismos de estigmatização, resultantes da forma como o ensino de língua materna é desenvolvido.

A nosso ver, isso ocorre pelo apego ao ensino de regras descontextualizadas, próprias do ensino da gramática normativa, centrado no ensino de exercícios mecânicos que não levam o aluno a refletir, criticamente, sobre a realidade linguística em que está inserido, pois essa prática de ensino de língua portuguesa fora do seu contexto faz com que ele não perceba a importância da disciplina Língua Portuguesa para a sua formação de cidadão crítico diante de questões sociais em que precisa intervir para viver. O ensino da língua materna desenvolvido dessa forma, tem somente como preocupação básica o conhecimento da gramática, o que o torna um estudo vazio, à parte da linguagem real, cotidiana.

Desse modo, convém que reflitamos sobre a nossa prática diária como professor para verificarmos se não estamos calando os alunos por não lhes proporcionar uma aprendizagem que objetive refletir sobre usos da língua e sim levando-os a uma concepção de língua homogênea, completamente contrária à realidade. Por isso, a necessidade da promoção de um ensino que valorize as variedades linguísticas, em que o aluno conheça as formas distintas de

suas manifestações, uma vez que ela varia no espaço (variação diatópica), no tempo (variação diacrônica), na sociedade (variação distrática) e até no mesmo indivíduo (variação estilística) etc. Em nossa cidade não poderia se dar de outra forma, de modo que ocorre o emprego de expressões linguísticas diferentes, como em Tucuruí (Pará), município que sediou duas grandes obras (a Estrada de Ferro Tocantins e a Hidrelétrica de Tucuruí), empreendimentos de grandes portes para a economia do Estado e, portanto, atraiu e abrigou pessoas advindas de várias regiões do país, o que resultou em diferentes sotaques.

Isso foi comprovado por meio de um estudo que desenvolvemos no trabalho de conclusão de curso da graduação em Letras, defendido em 2001, com o título de “Aplicação do questionário piloto de base semântico-lexical do Estado do Pará/1997”, um estudo realizado a partir de aplicação desse questionário piloto em um ponto de inquérito (zona rural de Tucuruí), vinculado ao Projeto “Atlas Geossociolinguístico do Pará”, coordenado por Abdelhak Razky, professor da Universidade Federal do Pará, pesquisa que também nos motivou a realizar o que aqui apresentamos.

Por esse trabalho, foi possível identificarmos que na zona rural há variações linguísticas, assim como há itens léxicos que se mantêm idênticos em sua utilização, ou seja, não apresentam variação, conforme respostas obtidas através da aplicação do questionário a quatro informantes. Eles mencionaram palavras, das quais apenas 88 foram repetidas pelos quatro, o que denota a riqueza semântico-lexical da região. Por essa razão, foi possível constatar que a variação linguística é preponderante em relação a não variação. O trabalho que desenvolvemos objetivou proporcionar ao aluno a compreensão do fenômeno da variação linguística a partir da variação lexical na fala dos moradores de Tucuruí. Para isso, aplicamos o projeto de intervenção pedagógica com a turma desenvolvendo diversas atividades, tais como exibição de filmes, leituras dramatizadas de narrativas, escuta de música popular, entre outras, com o fim de despertar o aluno para estudar e conhecer as variedades linguísticas, com ênfase para a semântico-lexical, bem como para desenvolver a consciência contra o preconceito linguístico.

A partir dos estudos realizados e aqui apresentados, esperamos que essa pesquisa-ação possa servir para futuros estudos na área de linguagens e letramentos, com enfoque para o estudo da variação linguística, bem como para a renovação dos procedimentos em sala de aula, voltados para o ensino do léxico e para a ampliação do vocabulário.

## **2. A Sociolinguística**

O surgimento da Sociolinguística mostra o viés social que há muito incidia sobre a Linguística e é um marco nos estudos linguísticos.

“é oportuno assinalar que o estabelecimento da Sociolinguística, em 1964, é precedido pela atuação de vários pesquisadores, que buscavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural.” (Alkmim: 2012, p. 32)

Atribui-se ao linguista Eugene Nida, o uso, primeiramente, de “sociolingüística”, na segunda edição de seu *Morphology* (1949, p. 152), bem como, a Haver Currie, o uso do termo em um trabalho numa conferência em 1949 e, posteriormente, em 1952, em uma publicação no *Southern Speech Journal*. Vale ressaltar que embora a Sociolinguística tenha nascido na década de 1950, ela é implementada como ciência na década de 1960, sob a liderança dos linguístas Weinreich, Herzog e Labov, sendo esse último o principal nome dessa corrente teórica. Esses linguístas, no entanto, não foram os primeiros a conceberem a língua como uma instituição social, assim, afirma Alkmim (2001):

Integrados ou não à grande corrente estruturalista, que ocupou o centro da cena teórica, particularmente, a partir dos anos 1930, encontramos linguístas cujas obras são referência obrigatória, quando se trata de pensar a questão do social no campo dos estudos linguísticos. Não caberia, aqui, enumerar todos esses estudiosos, mas uma breve referência a alguns nomes, ligados ao contexto europeu, impõe-se: Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson. (ALKMIM, 2001, p. 24)

A referida autora completa essa afirmação quando diz que: “Não há consenso sobre o modo de tratar e de explicar a questão da relação entre linguagem e sociedade”, porém destaca que essa questão “constitui um dos grandes ‘divisores de águas’ no campo da reflexão da Linguística contemporânea”. (ALKMIM, 2001 p.28)

Conforme Salomão (2011, p. 11 apud Valadares & Bertozzi, p. 250), no mês de maio de 1964, ocorreu uma reunião organizada por William Bright, na Universidade de Los Angeles (UCLA), reconhecida por muitos, como um marco da formalização inicial de uma escola teórica sociolinguística. Nessa reunião, estavam presentes 26 linguístas, com produções científicas no campo da Linguística social, entre eles, William Labov, Dell Hymes, John Gumperez, Charles Ferguson, estudiosos que pretendiam colaborar com um estudo que fizesse jus ao predomínio mundial de uma Linguística que crescia cada vez mais formal, representada pelas pesquisas de Chomsky, voltadas para a produção de modelos explicativos abstratos sobre a competência linguística. A Sociolinguística surge, portanto, nesse contexto, como preconiza Alkmim:

(...)a preocupação com as relações entre linguagem e sociedade tinha razões históricas no contexto acadêmico norte-americano, e também que a oposição entre uma abordagem imanente da língua *versus* a consideração do contexto social é posta com grande vitalidade no campo dos estudos linguísticos. (ALKMIM, 2012, p. 31)

A Sociolinguística surge em um cenário em que figuravam várias disciplinas, por isso, se explica a possibilidade de se chegar ao estudo científico de fatos da língua ainda inexistente no campo dos estudos da linguagem, assim, por meio das pesquisas de campo, foi possível chegar-se ao conhecimento de que essa ciência registra e analisa sistematicamente diferentes falares, em seu contexto social, focando, assim a variedade linguística como seu objeto de estudo, pois ao se estudar qualquer comunidade linguística é notória a existência de diversidade linguística ou variação. Bright, portanto, em 1966, organiza e publica os trabalhos apresentados nesse congresso de 1964 com o título *Sociolinguistics* definindo e caracterizando, assim, a nova área de estudo, no texto introdutório que o chamou de “As dimensões da Sociolinguística” .

Entende-se que as situações de contato no dia a dia que mantemos e interagimos com os sujeitos falantes são elementos importantes e necessários para efetuarmos um estudo sociolinguístico, pois as manifestações da língua, dadas ao seu caráter heterogêneo, possibilitam à Sociolinguística apresentar-se sob duas linhas, a Interacional e a Variacionista, sendo a primeira apresentada pelo linguista norte-americano Dell Hymes (1927-2009) e a segunda introduzida por William Labov.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 147), a Sociolinguística Interacional não faz a separação entre língua e contexto social e, por essa razão, se interessa diretamente pelas estratégias que governam o uso lexical, gramatical, sociolinguístico e aquele decorrente de outros conhecimentos, na produção das mensagens. Assim, o modo de falar, o assunto sobre da conversa, o espaço físico onde se encontram os informantes, bem como o contexto social de produção contribuem para a investigação de tal comportamento linguístico. Já para a Sociolinguística Variacionista a fala do sujeito é fruto do contexto social, e, nessa vertente, considera, além dos fatores linguísticos, os diversos fatores sociais, nos quais está inserido o falante, dentre eles, por exemplo, a idade e a classe social.

### **2.1. A Sociolinguística no Brasil e ensino de língua - breves considerações**

O panorama da Sociolinguística no Brasil é diverso, considerando a sua vasta abrangência. As pesquisas na área da Sociolinguística laboviana, iniciaram, na década de 70, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do professor Anthony Naro. A partir daí, as linhas de pesquisa que se ocupam da descrição de fenômenos variáveis no português do Brasil (PB) se multiplicaram, espalhando-se pelas diferentes regiões do país. Mencionamos, a título de ilustração, alguns projetos de grande alcance e muito importantes dessa área:

Norma Urbana Culta – NURC (ROSSI, 1969); Competências Básicas do Português (NARO e LEMLE, 1977); Programa de Estudo sobre o Uso da Língua – PEUL (NARO, 1980); Confluência Dialetal na Nova Capital Brasileira (BORTONI, 1984); Gramática do Português Falado (CASTILHO, 1990); Análise Contrastiva de Variedades do Português – VARPORT (BRANDÃO e MOTA, 2000); Programa para a História da Língua Portuguesa – PROHPOR (MATTOS E SILVA, 1996); Programa para a História do Português Brasileiro – PHPB (CASTILHO, 1997); A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano (ALMEIDA e CARNEIRO, 1998); Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia – VERTENTES (LUCCHESI, 2001); Projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará, coordenado por Abdelhak Razky (2000).

Esses trabalhos ilustram a Linguística de Labov que chegou ao Brasil, instaurando a pesquisa de língua pela construção de modelos de pesquisa de campo, destinados ao levantamento dos fatos linguísticos à luz de variáveis linguísticas e sociais. Por meio desses trabalhos, foi possível o estabelecimento de parâmetros de usos do português brasileiro em face de características pessoais do falante, tais como idade, sexo, origem geográfica, nível de escolaridade, dentre outras.

Isso apenas significa que vivemos em uma sociedade complexa e dinâmica e que se transforma com o passar do tempo. Em razão disso, o indivíduo, ao nascer, é inserido num contexto socioeconômico cultural pré-existente e à medida que vai crescendo, participa do processo de socialização, esse o transforma em um indivíduo falante de uma determinada variedade da língua, do meio social em que vive o qual é constituído por diferentes grupos, como os que, por exemplo, têm acesso à educação formal, enquanto outros têm pouco ou nenhum acesso. Assim, a língua varia de acordo com as realidades sociais e as situações de uso, uma vez que um mesmo grupo social pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com o conhecimento que tem da língua e a necessidade de adequação linguística, ou seja, em um mesmo país, numa mesma localidade, onde há um único idioma oficial que os une, a língua pode sofrer diversas alterações por parte de seus falantes.

O conceito de variação linguística, para Bagno (2007, p. 39), é a espinha dorsal da Sociolinguística. O autor afirma que para que compreendamos esse fenômeno complexo e fascinante, os sociolinguistas formularam alguns conceitos e definições, todos derivados do verbo variar, para tanto, a língua apresenta variação porque é heterogênea. Bagno ainda acrescenta que “a grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um “substantivo coletivo”, debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se

abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis de recursos expressivos que estão à disposição dos falantes.” (BAGNO, 2007 p. 39)

A variação linguística é algo tão rico e importantíssimo que ocorre na língua; trabalhar, pois, a variação em sala de aula é papel fundamental do professor de língua portuguesa, pois, dessa forma, possibilita que o aluno reflita sobre o uso diferenciado que se faz uso da língua de modo diferente nas diversas situações de interação em que participa, assim, “podemos pensar na variação como fonte de recursos como fonte de recursos alternativos: Quanto mais numerosos forem, mais expressiva pode ser a linguagem humana”. POSSENTI (1996, p. 36).

As variações, portanto, acontecem porque o princípio fundamental da língua é a interação, então é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com suas necessidades comunicativas. Por isso, os diferentes falares devem ser considerados como variações e jamais como uma fala inferior ou erros contra a língua.

Devemos compreender que todas as línguas possuem diversas variedades e que essas variedades possuem uma regra que garante a unidade linguística, a despeito da existência da norma padrão do idioma. Para muitos estudiosos da língua, norma padrão é a língua que encontramos nos livros didáticos e dicionários normalmente, utilizada, sobretudo, na escrita que é uma produção linguística que, por razões próprias dessa modalidade, requer uma construção mais criteriosa do conjunto de elementos que constituem um texto, de modo que é empregada em circunstâncias que exigem do falante mais formalidade no seu modo de dizer, sendo, para os linguistas apenas uma das variedades e não a língua em si, como pressupõem os livros e outros meios de divulgação .

É essa variedade exigida e prestigiada nas nossas escolas, sendo ensinada de forma obrigatória por exigência de um currículo antigo impetrado de assuntos gramaticais da língua portuguesa. Nossa cultura, infelizmente, penaliza o falante que não fala ou escreve segundo as regras da gramática normativa, sendo taxado, por isso, de um sujeito que fala “errado”. Essa exclusão linguística se dá, principalmente porque somos fadados a um sistema em que a cultura valorizada é a daquele que detém bens e influência no meio social. Nesse sentido, também existem as atitudes discriminatórias nas mais variadas formas extensivas a outros comportamentos como os modos de se vestir, agir, portar-se na sociedade, dentre outros.

Mesmo com as atuais políticas e discursos de combate ao preconceito, mesmo com o crescente avanço da tecnologia, tanto a escola quanto os meios de comunicação e a sociedade em geral continuam conferindo privilégio à norma padrão. Por essa razão, na fala, são

deixadas de lado e até discriminadas, por exemplo, as pronúncias de determinadas palavras, aquelas que os alunos trazem de casa.

Em razão desse prestígio, ocorre uma situação delicada no seio da escola, que é o gracejo constrangedor, muito mais comum do que se imagina, com as variações diferentes do padrão, justamente, por conta da discriminação do dialeto diferente do tomado como padrão, o que sem dúvida pode concorrer para o fracasso escolar. Resta, portanto, que nós, na condição de professores que não nos conformamos com a postura autoritária de como é trabalhada a língua na sala de aula, façamos um ensino que considere a existência das variações, pois elas são uma prática internalizada no dia a dia do aluno.

Nesse sentido, é necessário que tenhamos ciência de que o processo de intervenção desse aspecto da língua deve fazer parte de nossa responsabilidade como docente, afinal, combater o preconceito, especialmente, o linguístico, é tarefa nossa, pois favorecer a inclusão do aluno deve ser uma prática diária inerente ao nosso compromisso de educar para a cidadania.

### **3. O Ensino de língua no Brasil**

Conforme Dias (2018, p. 38), o ensino de língua portuguesa não era obrigatório nas escolas até meados do século 18, somente com a reforma que o Marquês de Pombal fez em 1759, passou a ser obrigatório tanto em Portugal, quanto em nosso país, recebendo aqui o nome de Retórica e Poética no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1837. Com essa medida, Pombal desconsiderou todas as demais línguas aqui existentes, bem como as variedades linguísticas do português falado e estabelece o cumprimento nas escolas do ensino da língua portuguesa, com base nos autores consagrados. A partir daí, introduziu-se nas escolas o ensino da gramática portuguesa sob a forma de Gramática e Retórica (essa última descendente dos estudos gramaticais greco-romanos e lecionada pelos jesuítas). Essas disciplinas eram ministradas por pessoas consideradas cultas, membros da elite social, sem formação específica, o que só foi promovido nos anos 1930, do século XX.

Na década de 1950, houve o ingresso de filhos da classe trabalhadora na escola, o que fez aumentar o número de alunos e com isso, o recrutamento de mais professores, no entanto, com menos exigência na seleção, com relação à origem social dos professores e maior profissionalização. Com isso, alteraram-se os manuais didáticos, incluíram-se exercícios ao lado de conhecimentos acerca da gramática e texto para leitura, assim a tarefa obrigatória de o professor propor textos e elaborar seus exercícios deixa de ser parte de suas tarefas.



Nos anos 1960, a Ciência Linguística adentra aos cursos de Letras e carrega consigo as teorias estruturalistas, que consideram a língua uma estrutura e, conforme a teoria gerativista, um sistema de regras. Com essa visão, as gramáticas pedagógicas popularizam um tipo de ensino de língua com base nessas concepções, mas mantém a visão normativa.

No começo de 1970, há mudança radical com a implantação da nova lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei no. 5692/71). Com a reformulação do ensino primário e médio, a disciplina que era denominada “Português”, passa a ser “Comunicação e Expressão”, o objetivo era de desenvolver no aluno a competência de emissor e receptor de mensagens.

Na década de 1980, a disciplina volta a ser denominada “Português. Também tornam-se conhecidas novas concepções de língua o surgimento da Linguística Aplicada, vislumbrando-se outros aspectos, como a Sociolinguística.

Sob essa nova égide, desenvolve-se o senso da necessidade de se trabalhar com projetos pedagógicos que dinamizem o dia a dia da sala de aula com o intuito de possibilitar mudanças na visão de língua e no comportamento linguístico dos alunos, combatendo determinadas concepções que geram preconceito linguístico, entre tantas outras situações.

Assim, para que se obtenha um resultado satisfatório, passaram-se a postular novas formas de intervenção na sala de aula, propondo-se atividades por meio da pesquisa-ação, que na área da educação, é um mecanismo que possibilita os acadêmicos a “colocarem a mão na massa” no sentido de não só se dedicarem ao plano da teoria, mas associá-la à prática, assim conhecimento e ação imbricam-se, pois o pesquisador é também o aluno/professor e vice-versa, o que veio a contribuir para ampliar os horizontes da relação pesquisa e ensino de língua.

#### **4. O Léxico na sala de aula**

No dia a dia da sala de aula, são comuns situações em que o aluno tem dificuldade de compreensão do que lê, pois há vocábulos desconhecidos para o seu repertório e o uso do dicionário nem sempre ocorre, e quando ocorre não é utilizado da maneira mais adequada. É comum pedir-se ao discente, no momento da leitura, que pesquise o significado de palavras desconhecidas, assim, ele abre o dicionário, procura a palavra, escreve as acepções encontradas, o que, de alguma forma, quebra a linearidade do processo, pois ao voltar para a leitura o aluno já se desviou do que estava fazendo, ou seja, não compreende o sentido do texto. É o que constata Leffa (2000), pois considera que

a primeira regra fundamental sobre o uso do dicionário na leitura é que ele deve ser usado esporadicamente. Na leitura tradicional, com o texto impresso em papel, a consulta feita ao dicionário é extremamente obstrutiva. O leitor precisa interromper totalmente a leitura, mover-se para um outro texto e iniciar um outro tipo de leitura,

geralmente precedida de uma busca em várias páginas, até achar a palavra que procura, num verbete com maior ou menor grau de complexidade. Lido o verbete, faz uma viagem de volta ao texto original, onde vai ter que se localizar novamente, provavelmente relendo partes do texto até o ponto onde ocorreu a interrupção. A consulta ao dicionário, portanto, só é aceita como último recurso, quando as demais estratégias de construção do sentido falharem. (LEFFA, 2000, p. 78)

Portanto, para que suas práticas pedagógicas não afastem ainda mais os alunos da leitura, precisamos saber que é de fundamental importância planejar previamente o que pretendemos transpor e trabalharmos com objetivos e intencionalidades, para assim, podermos contribuir com a aprendizagem do aluno. Por certo, deve fazer parte desse planejamento, o contato com variados gêneros textuais, e com esse exercício constante, poder diminuir nos alunos as dificuldades em compreender as ideias básicas de um texto, pois no dizer de Koch (2001, p. 25) tais dificuldades advêm do fato de o sentido não está no texto, mas construído a partir dele, no processo de interação.

Faultstich (2003, p. 36) define vocabulário como um conjunto de vocábulos, empregados em um texto, caracterizadores de uma atividade, de uma técnica, de uma pessoa etc. Já o léxico é aquele repertório que o falante herda do meio em que está inserido, como aspectos socioculturais, isso representado por palavras da nossa língua.

Porém, há autores que defendem a ideia de que temos o léxico global, que consiste em todo o inventário de itens lexicais existentes para o falante; o léxico individual que é o conjunto de palavras que o falante conhece e pode usar de acordo com a situação em que se encontra e achar oportuna; finalmente, o vocabulário, parte do léxico individual utilizado num contexto específico de fala. Como vemos por esses conceitos, o léxico é compreendido como rico e dinâmico.

Não sem razão, os estudos da variação lexical receberam grandes contribuições de vários estudos geolinguísticos de diferentes regiões do Brasil. Desde os trabalhos pioneiros do filólogo Antenor Nascentes, esses estudos objetivam a elaboração de um “Atlas Linguístico do Brasil”, com o mapeamento das diferentes áreas linguísticas do português brasileiro. Nascentes dividiu o “falar brasileiro” em seis “subfalares”, reunidos em dois grandes grupos: “falar do norte” e “falar do sul”. A partir daí, muitos pesquisadores se dedicaram ao desenvolvimento de estudos geolinguísticos para testar empiricamente as hipóteses do autor, dada a uma pluralidade sociocultural que é um traço peculiar das nossas regiões brasileiras.

Metodologicamente, a coleta de dados para a formação dos atlas, no geral é feita, a partir de respostas a Questionários Semânticos Lexicais (QSL), que são compostos de perguntas distribuídas em campos semânticos diferentes. É necessária, para isso, a divisão em campos semânticos pela tentativa de captar a diversidade lexical de cada microrregião dos

estados do Brasil, considerando fatores históricos de colonização e particularidades relativas aos diversos campos da atividade humana, como economia, política, trabalho, cultura, entre outros. Essas respostas são obtidas, portanto, mediante a realização da entrevista, que se trata de um mecanismo que pode servir para o pesquisador induzir ou provocar amostras da variação lexical em estudo.

Brandão citado por Dias (2001, p. 6) postula que um Atlas linguístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Conforme a autora, as etapas que compõem a elaboração segue a seguinte ordem: a primeira diz respeito ao levantamento preliminar de dados; a segunda trata da fixação dos pontos de inquérito. Quanto a esse item, é importante que se atente para aspectos relevantes ao ponto de inquérito, como a seleção dos lugares em que se realiza a recolha dos dados que se baseia na relação entre os fatores extensão territorial e a população da área em estudo. A etapa seguinte refere-se à seleção dos informantes, que devem ser considerados por ponto de inquérito, de acordo com os critérios que norteiam sua escolha, como por exemplo, ter nascido na localidade (pais e cônjuge) e não apresentar problemas de denteção e fonação. Convém destacar que por se tratar de um estudo sociolinguístico, são fatores determinantes para a compreensão dos fatores que determinam a mudança ou a conservação linguística, o sexo, a idade, a escolaridade e a condição socioeconômica.

Dada a importância do léxico para a existência da língua e, portanto, para a interação social, o seu ensino pode ser também uma das nossas metas nas aulas de língua materna, pois por meio dele podemos integrar linguagem e sociedade, assim como nos permitir a compreensão da visão de mundo e dados referentes à história de um grupo de pessoas.

## **5. O Projeto de intervenção pedagógica: A experiência vivenciada da intervenção pedagógica na escola**

Diante de uma realidade que a maioria das escolas brasileiras vivencia, em que o estudo da língua materna privilegia tão somente o ensino da variedade culta do português, ao reconhecê-la a única “correta”, vimos a necessidade de desenvolver um projeto de intervenção em que o aluno tivesse participação ativa na pesquisa sobre as demais variedades linguísticas, com destaque para a variação lexical. Isso é especialmente relevante, pois em Tucuruí, onde o projeto foi desenvolvido é comum a presença de pessoas de diferentes origens regionais, o que colabora para que o léxico local seja bastante diversificado. Por essas

razão, propusemos um Projeto de Intervenção Pedagógica cujo tema é “Variação semântico-lexical de Tucuruí e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa”. Assim, a proposta foi desenvolvida numa turma do 9º Ano do Ensino Fundamental, da Escola Maria Fernandes de Medeiros Alves, da rede municipal de ensino de Tucuruí – PA, onde uma das autoras deste artigo é professora desde 2014. O projeto considera os princípios da pesquisa qualitativa, que permite que nos envolvamos na obtenção de dados descritivos adquiridos do contato com várias situações estudadas em diferentes contextos, de modo que, nesse caso, a interação entre professor(a) x alunos x comunidade contribui para o favorecimento de uma aprendizagem significativa.

Durante a pesquisa, utilizamos mais de um instrumento de coleta de dados, como a aplicação do questionário piloto de base semântico-lexical do estado do Pará/97, adaptado do ALiB, com questões elaboradas pelos alunos, as fichas de informantes, a conversa informal dentre outros. Utilizamos também a pesquisa quantitativa, uma vez que procuramos observar os fatores condicionantes que não são não só os sociais, mas também estruturais e, dessa forma, forneceu-nos instrumentos para trabalharmos, didaticamente, com a variação. Assim, essa pesquisa contou com a participação ativa dos alunos, visto que, que esse trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa-ação, que se trata de uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional em que o participante é conduzido à própria produção do conhecimento e se torna o sujeito dessa produção, normalmente, partindo de uma situação coletiva.



Fotografia 1 – Projeto em Ação na Sala de Aula

Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Apresentamos a seguir, a síntese de uma das ações desenvolvidas com a turma:

Tabela 1 - Ação aplicada na sala de aula

<b>Tema: INTERAGINDO COM AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS</b>
<b>Contextualização da proposta:</b> <b>Local:</b> Sala de aula <b>Período:</b> manhã do dia 29/03/2015 <b>Nº de aulas:</b> 03
<b>Objetivos:</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Reconhecer a heterogeneidade da língua portuguesa como fator social.</b></li><li>• <b>Reconhecer a importância das variedades linguísticas em letras de músicas populares brasileiras.</b></li><li>• <b>Mostrar um comportamento respeitoso para com a variedade popular, reconhecendo-a como expressão da identidade linguística e cultural brasileira.</b></li></ul>

**Procedimentos metodológicos:**

No primeiro momento, conversamos de forma descontraída com a turma. Em seguida, lemos alguns recortes de textos do livro didático e posteriormente, passamos ouvir as músicas: *Chopis Centis - Mamonas Assassinas*, “*Amazônia*”, de Nilon Chaves e “*Zazulejo*”, de O Teatro Mágico

**Recursos utilizados:** microssistem, CDs, projetor de imagem, revistas, folhetos e textos de campanha comunitária que tratam dos temas sociedade, cultura e variação linguística, especialmente a variedade lexical.

**Detalhamento da ação:** Distribuimos as letras das músicas considerando a sequência (1. Ler; 2:ouvir; 3. Assistir). Seguiu-se um debate.

**Avaliação:** O processo de avaliação da atividade desenvolvida envolveu a escuta de opiniões dos alunos sobre como agem e/ou agiam diante de falantes quando pronunciam ou, mesmo, quando falam uma palavra diferente.

Fonte: Elaboração das autoras

Após essas atividades, em aulas posteriores, explicamos aos alunos sobre como manusear o gravador e a portar-se com a postura adequada no tratamento com o informante, dentre outros requisitos importantes que contribuiriam na execução da aplicação do questionário.

Essa aplicação foi realizada na maioria das vezes, por mim ( professora regente), e em outras ocasiões acompanhadas pelos alunos, organizados em equipes. Fizemos, no geral, uma entrevista por dia, na residência dos 12 informantes, escolhidos de acordo com os critérios usados na elaboração do ALiB: ser natural da localidade ou nela ter residido por 1/3 (um terço) de sua vida quando procedente de outra localidade. As entrevistas foram do tipo pergunta e resposta, mas várias vezes houve necessidade de fazermos uso de diálogos para melhor esclarecer a pergunta.

Como dissemos anteriormente, o léxico faz parte do saber que o falante tem no presente e herda de seus antepassados, sendo portanto representativo de sua cultura. Por essa razão, com a análise do corpus coletado, registramos, na fala dos informantes de Tucuruí (Pa), os vocábulos que podem ser consideradas do contexto em que se encontram inseridos, uma vez que aparecem variações típicas do falar paraense, como, por exemplo” “panema” - como designação para uma pessoa que não tem sorte no jogo; “quitim” para o corte que se faz no lombo do peixe, dentre outras. Entretanto, aparecem muitas outras variações que não são típicas do estado, mas podem ter incorporado ao seu léxico, a partir do contato com pessoas advindas de outras regiões como “consertar o peixe” para o procedimento da limpeza de um

peixe ou do tipo “titicar”, “ticar” referindo-se ao corte(risco) no lombo de peixe. Foram realizadas 282 perguntas para 6 (seis) homens e 6 (seis) mulheres. Para cada pergunta, contabilizou-se o número de repetições entre pessoas do mesmo sexo, a fim de dimensionar a homogeneidade das respostas, buscando evidências da diversidade lexical da cidade de Tucuruí. Os dados coletados foram inseridos no programa Microsoft Excel para fins de análise. As respostas de cada pergunta foram comparadas quantitativamente, obtendo-se, assim, o nível de similaridade e a quantidade de repetições. Com base nisso, calculou-se a média e o desvio padrão das repetições, conforme o sexo e o campo semântico.

Vale observar que com a pesquisa, podemos também oferecer subsídios para o registro da diversidade da variação semântico-lexical falada em Tucuruí, uma vez que produzimos um glossário que é o produto resultante do processo de intervenção pedagógica aplicado na turma.

## I - NATUREZA E ACIDENTES GEOGRÁFICOS

---

- 001 **Tipos de terreno**  
Que tipo de terreno, terra você conhece? Que nome se dá aqui para o terreno ou a terra que fica próximo ao rio? E o que vocês podem plantar neste terreno?
- 002 **Córrego\*\*\*/rio pequeno/furo/igarapé ou braço de rio**  
Como vocês chamam aqui um rio pequeno, de uns dois metros de largura?  
*lago, lagoa, igarapé*
- 003 **Trecho do rio onde a água corre com mais força/correnteza**  
No rio tem um lugar onde a água corre com muita força. Como vocês chamam para isso?  
*correnteza, banzeiro, cachoeira, lago, maré forte, água corrente*
- 004 **Margem**  
E para o lado do rio. Que nome que vocês dão para o lado do rio?  
*margem, lado, outro lado, beirada, beira do rio*
- 005 **Ponte**  
E para atravessar o rio, o igarapé, a gente tem que passar por cima de quê?  
*ponte, voadeira, canoa, barco, travessia, trapiche*
- 006 **Pinguela\*\*\***  
tronco, pedaço de pau ou tábuas que serve para passar por cima de um (item no. 02)  
*travessia, ponte, jangada, passarela, canoa, tábuas, tronco, trapiche*
- 007 **Nascente de rio**  
Que nome que dão aqui para o lugar onde o rio nasce?  
*olho d'água, nascente, fonte*
- 008 **Foz**  
...o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?  
*ressaca, encontro do rio, limite, poente, encontro das águas*
- 009 **Redemoinho (de água)**  
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isto?  
*redemoinho, caracol*

Figura 1 – Página do glossário

Fonte — elaborado pelas autoras baseado no ALiB - COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: UEL, 2001. p. 21-37.

Numa análise geral dos dados obtidos da aplicação do QSL, os homens mencionaram 1844 (mil oitocentos e quarenta e quatro palavras) e as mulheres, 1879 (mil oitocentos e setenta e nove). E desse universo de palavras, apenas 43 (quarenta e três ) foram citadas por todos os informantes.

Comparando os dados dessa pesquisa atual com os dados analisados do referido TCC de nossa autoria (Aplicação do Questionário Piloto de Base Semântico-Lexical do estado do Pará/1997), constatamos a predominância na variação linguística no município tanto na zona urbana quanto na rural.

Esse estudo também permitiu-nos compreender, de modo satisfatório, que o conhecimento não é algo estanque nem hermético, quando pretendemos ampliar a nossa visão sobre um assunto. Assim, é possível que aprofundemos o estudo das variações semântico-lexicais de Tucuruí, o que pode ser feito em futuras pesquisas sociolinguísticas.

Além disso, ressaltamos que a experiência vivenciada com a aplicação do projeto de intervenção despertou nos alunos o interesse pelo conhecimento das variedades linguísticas, compreendendo que o estudo das variações são fenômenos inerentes aos usos da língua, para tanto, não devem ser estigmatizadas, mas cultivadas no meio escolar para assim lutarmos contra o preconceito linguístico.

A proposta de intervenção possibilitou aos alunos conhecimento e convívio com as variações semântico-lexicais pesquisadas, bem como uma interação produtiva no sentido das discussões descontraídas em sala de aula, quando da realização das atividades propostas, sobretudo, com a elaboração do glossário que de alguma forma provocou uma certa curiosidade em algumas respostas inusitadas como a designação atribuída “a que duas galinhas botam” (“uma grossa de ovo”), por exemplo. Isso permitiu à turma a sensibilidade de perceber o quão é rica a nossa língua em variações e que por mais engraçadas que sejam, não devem ser estigmatizadas, por conseguinte, motivos para que se discrimine o sujeito falante.

## 6. Conclusão

O trabalho com o léxico, numa perspectiva variacionista, pode ser também uma das nossas metas nas aulas de língua materna, pois por meio dele podemos compreender a relação entre linguagem, cultura e sociedade, e com isso, permitir-nos a compreensão da visão de mundo e dados referentes à história de um grupo de pessoas.



Nossa pesquisa, portanto, pretendeu contribuir para que as aulas de língua portuguesa da escola onde foi desenvolvido o projeto, e até mesmo as do município, trabalhem com novas metodologias que compreendam o estudo das variedades linguísticas. Nesse sentido, o glossário pode ser uma ferramenta importante para enriquecer as aulas de Língua Portuguesa, pois desperta o interesse da escola pela história e pela realidade local, assim como, ir além da questão linguística, qual seja conhecer a variedade lexical dos sujeitos falantes.

### Referências

ALKMIM, T. M. *Sociolinguística*. In: MUSSALIM, F., BENTES, A. B. (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001<sup>a</sup>. p. 23-50.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguística*. In: In: MUSSALIM, F., BENTES, A. B. (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. volume 1. 9.ed.rev. São Paulo: Cortez, 2012b. p. 23-50.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007. 240 p.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 352 p.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014. 192 p.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: UEL, 2001. 47 p.

DIAS, C. M. T. *Aplicação do Questionário Piloto de Base Semântico-Lexical do Estado do Pará/1997*. 2001. 71 f. Trabalho de Conclusão (Graduação em Letras) -Universidade Federal do Pará. Disponível em: [http://www.ufpa.br/alipa/tcc/tcc\\_cecilia.PDF](http://www.ufpa.br/alipa/tcc/tcc_cecilia.PDF). Acesso em: 05 fev. 16.

\_\_\_\_\_. *Variação lexical na sala de aula: uma proposta sociolinguística*. 2016. Curitiba: Appris, 2018. 119 p.

\_\_\_\_\_. *Variação semântico-lexical de Tucuruí e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa*. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá. 2016.

FAULSTICH, E.L. de J. *Como ler, dissertação de Mestrado entender e redigir um texto*. Petrópolis, Vozes, 2003. 68 p.

KOCK, I. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2001. 124p.

LEFFA, V. J. *Aspectos Externos e Internos da Aquisição Lexical*. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *As Palavras e sua Companhia: o léxico na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2000. p. 15-44.

NIDA, Eugene. *Morphology*. 2. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949. 360 p.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. 96 p.

VALADARES, F. B.; BERTOZZI, A. L. G. *Estrangeirismos em propagandas de revistas brasileiras: usos/abusos?! Revista DOMÍNIOS DE LINGU@GEM*, v. 9, n. 5, p. 247-265, dez. 2015. ISSN 1980-5799. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 10 out. 2016.